

William Faulkner

A ALDEIA

*tradução de*  
Jorge Sampaio

LIVROS DO BRASIL

## I

O Domínio do Francês era uma parte de um rico vale, a umas vinte milhas a sudeste de Jefferson. Anichado entre colinas e isolado, bem definido e, contudo, sem limites precisos, no meio de dois condados, mas não prestando vassalagem a nenhum, fora de início, antes da Guerra Civil, o sítio ideal para uma vasta plantação. Agora, as suas ruínas — o esqueleto de um enorme edifício, com as cavalariças destruídas, os alojamentos dos escravos, os jardins, os terraços e as alamedas — eram conhecidas pelo nome de Velho Domínio do Francês, embora os limites primitivos existissem somente nos velhos arquivos do tribunal de Jefferson. Alguns dos seus campos, outrora férteis, voltaram a transformar-se em espessas matas de bambus e ciprestes, que os primeiros proprietários tinham desbravado.

Talvez ele fosse um estrangeiro, não necessariamente um francês, pois que para os que vieram depois e quase haviam feito desaparecer os vestígios da sua permanência ali todo aquele que falasse a língua com sotaque estrangeiro ou cujo aspeto ou profissão parecessem estranhos era forçosamente francês, qualquer que fosse a nacionalidade invocada, do mesmo modo que, para os urbanos contemporâneos, seria o Holandês se se tivesse estabelecido em Jefferson. Mas agora ninguém sabia ao certo o que ele era, nem sequer Will Varner, que tinha sessenta anos e possuía, por esta altura, uma boa parte do primitivo domínio, incluindo o local da mansão em ruínas. É que o estrangeiro, o Francês, desaparecera com a família, os escravos e a sua magnificência. Aqueles vastos acres de terra, o seu sonho, estavam, ao presente, divididos em pequenas e insignificantes parcelas hipotecadas, que os diretores dos bancos de Jefferson haviam disputado entre si, antes de as venderem a Will Varner. Tudo o que restava era o leito do rio que os seus escravos tinham represado ao longo de dez milhas, a fim de impedirem a inundaçã das terras, e o esqueleto daquela enorme casa que os herdeiros haviam dei-

tado abaixo, pedaço a pedaço: as pilastras, os corrimões de nogueira, os soa-lhos de carvalho que, cinquenta anos mais tarde, valeriam uma fortuna, mesmo as fasquias do telhado, há trinta anos que serviam de lenha para queimar. Até o seu nome fora esquecido; tudo o que para ele constituía motivo de orgulho não passava agora de uma lenda na terra que desbravara e dominara. Tal apelativo era como que um monumento para aqueles que vieram depois dele, em carroças desengonçadas, montados em azémolas ou mesmo a pé, com espingardas de pederneira, cães e crianças, alambiques para *whisky* e livros de salmos protestantes que não podiam ler e, muito me-nos, recitar. O seu sonho e o seu orgulho não eram mais que pó misturado ao pó dos seus ossos anónimos. A sua lenda não era mais que a história do dinheiro que queimara em qualquer lado, quando Grant atravessou a região de Vicksburg.

Os seus sucessores tinham vindo do Nordeste, através das montanhas do Tennessee, por etapas marcadas pelo nascimento e crescimento de uma geração de crianças. Tinham vindo das margens do Atlântico e, antes, da Inglaterra, da Escócia ou do País de Gales, como o indicava o nome de alguns deles: Turpin, Haley, Whittington, McCallum, Murray, Leonard e Little-john; e ainda outros, tais como: Riddup, Armstid e Doshey, que não vinham de lado algum, visto que ninguém teria a coragem de os escolher. Não tra-ziam escravos nem cómodas assinadas por Phyfe ou Chippendale; com efeito, tudo o que traziam com eles podiam muito bem transportá-lo nos braços. Instalavam-se numa terra e construía uma cabana com duas divi-sões que nunca pintavam; casavam-se entre si e faziam filhos; de tempos a tempos aumentavam umas divisões à cabana, sem nunca as pintarem, e era tudo. Os seus descendentes ainda cultivavam o algodão no vale e o milho nas encostas; em recantos escondidos aproveitavam-se do milho a fim de procederem à fabricação de *whisky* para venda, pois não o bebiam. Oficiais federais tinham-se instalado na terra, mas em breve desapareceram. Agora só se via uma criança, um velho ou uma mulher idosa, ostentando uma peça de roupa que pertencera ao desaparecido: um chapéu de feltro, um fato, um par de sapatos da cidade ou mesmo um revólver. Os funcionários da terra não os incomodavam em nada, salvo nos meses destinados às eleições.

Construíam as suas igrejas e escolas, casavam-se e raramente cometiam adultério entre si; os homicídios eram poucos e tinham os seus próprios tribunais, juízes e executores. Eram protestantes, democratas e prolíferos; nem um só negro era senhor de um acre de terra em toda a região. Os negros de outras localidades recusavam-se, terminantemente, a aventurar-se nas ruas, depois do anoitecer.

Will Varner, atual dono do Velho Domínio do Francês, era a personagem mais importante da região: o mais rico proprietário, presidente de circunscrição num condado qualquer, juiz de paz noutro e membro da comissão eleitoral nos dois. Embora não ditasse a lei, era pelo menos o conselheiro de todos aqueles homens do campo que, mesmo rejeitando o termo «constituição», se o tivessem ouvido citar, vinham ter com ele, não para perguntar *Que devo fazer?*, mas sim *Que quereria o senhor que eu fizesse, se fosse capaz de mo impor?* Era fazendeiro, usurário e veterinário. O juiz Benbow, de Jefferson, dizia que nunca vira um homem tão delicado sangrar uma mula ou encher uma urna de falsos boletins de voto. Era dono de quase toda a melhor terra da região e tinha hipotecas em quase toda a restante. Pertenciam-lhe o armazém de abastecimentos, a máquina debulhadora para o algodão, o moinho e a forja existentes na aldeia; era até considerado de mau agoiro debulhar o algodão, moer o milho ou ferrar noutro sítio. Era um homem magro e alto como uma estaca, de cabelos e bigode de um vermelho-acinzentado e uns olhinhos azuis de expressão ingénuo. Parecia um mestre-escola num domingo metodista, conduzindo turistas num dia de semana, ou vice-versa; ou então, o dono da igreja ou do caminho de ferro ou de ambos. Era manhoso, muito metido consigo, duma mordacidade rabelaisiana; talvez ainda possuísse alguma força sexual (tivera dezasseis filhos da mulher, embora só dois continuassem em casa; os outros tinham-se espalhado, quer pelo casamento, quer enterrados desde El Paso até Alabama), tal como o indicava a cor dos seus cabelos que, aos sessenta anos, se mantinham mais ruivos que grisalhos. Era simultaneamente ativo e preguiçoso. Não fazia nada (o filho tomava-lhe conta dos negócios de família) e passava todo o tempo fora de casa, saindo de manhã, muito antes de o filho descer para tomar o pequeno-almoço, e sem que ninguém soubesse para onde ia; sabiam, sim,

que o podiam ver montado no seu cavalo branco, muito anafado, por dez milhas em redor, em qualquer altura. Apenas uma vez por mês, na primavera e no verão, o viam sentado no cadeirão caseiro, com o velho cavalo branco preso no poste em frente. O carpinteiro fizera-lhe aquele cadeirão serrando ao meio um barril de farinha vazio, arranjando-lhe os lados e pregando-lhe um assento; e Varner ali ficava, senhorial, mascando tabaco ou fumando o seu cachimbo de milho, e atirando, brusco, uma frase jovial aos que passavam, mas sem nunca convidar alguém a fazer-lhe companhia. Os que o viam assim sentado e os outros a quem eles o diziam insinuavam que Varner estava pensando em novas hipotecas, visto que ele a ninguém falava disso, a não ser a um representante de máquinas de coser, mais novo que ele e de nome Ratliff: «Gosto de me sentar aqui. Tento imaginar o que teria sentido o louco que precisara disto tudo» — mas não fazia um único gesto para indicar o montão de ruínas que se via do outro lado — «somente para comer e dormir!» Depois acrescentava, sem contudo dar qualquer explicação que pudesse elucidar Ratliff: «Em dada altura pensei em me livrar de tudo isto. Mas, por Deus, as pessoas são tão preguiçosas que até se recusam a subir a um escadote para arrancar os restos das vigas que ficaram. Preferem ir para a floresta cortar árvores a preparar a uma escada e cortar lenha. Mas agora tenho outra ideia: guardarei este resto para ter sempre na lembrança um grande erro meu: comprar uma coisa que nunca pude vender.»

O filho Jody tinha cerca de trinta anos, era forte e sofria um pouco de bócio; não só não casara, como também deixava transparecer uma impressão de celibatário impenitente, tal como outros exalam uma aura de santidade ou de espiritualidade. Assaz corpulento, mostrava uma barriga que prometia tornar-se respeitável dentro de dez ou vinte anos, embora pudesse passar ainda por um rapaz atraente. Vestia, de inverno e de verão (exceto quando dispensava, no tempo quente, o casaco), tanto aos domingos como nos dias de semana, uma camisa branca sem colarinho, fechada no pescoço com um botão de ouro, sob um fato de fazenda preta. Vestira esse fato no dia em que o alfaiate de Jefferson lho mandara e, desde então, usara-o sempre, até ao dia em que o vendera a um dos criados pretos. Por isso, aos domingos à tarde, era fácil reconhecê-lo pelo fato, quando ia passear, no verão. Finalmente, substituíra-o

por um novo. Contrastando com os fatos daqueles com quem convivia, tinha um ar não precisamente fúnebre, mas antes cerimonioso, devido ao facto de ser um solteirão obstinado, o que fazia com que, ao ver-se-lhe o físico forte e entroncado, se pensasse imediatamente no eterno sedutor, na apoteose do solteirão macho, tal como se se pudesse ver, através de um tecido hidrópico de 1909, o fantasma do futebolista esbelto e robusto de outrora. Era o nono dos dezasseis filhos de seus pais. Era ele quem dirigia os negócios de família, de que o pai era ainda o dono nominal, um trabalho que consistia principalmente em apoderar-se de hipotecas e da fição do algodão; tomava conta, também, das quintas espalhadas em redor, que seu pai primeiro e, mais tarde, os dois, haviam adquirido durante os últimos quarenta anos.

Uma tarde, estava ele no armazém a cortar de uma peça uns metros de corda de algodão, dando-lhe nós de marinheiro e pendurando-a na parede, quando um ruído o fez voltar-se. Encarou com um homem, à entrada da porta aberta, mais baixo que o normal, com um chapéu de largas abas e um casaco demasiado grande para ele, muito empertigado. «Você é o Varner?», perguntou o homem numa voz não propriamente rude nem voluntariamente agreste, mas rouca, talvez por fazer pouco uso dela.

«Sou um dos Varner», disse Jody no seu tom doce e agradável. «Em que posso servi-lo?»

«O meu nome é Snopes. Ouvi dizer que tem uma quinta para alugar.»

«Ah, sim?», disse Varner, movendo-se de maneira a que o outro se aproximasse da luz. «Onde é que ouviu isso?» Com efeito, a quinta era recente; ele e o pai tinham-na comprado num leilão de imobiliários hipotecados, havia uma semana, e o homem não passava de um estranho de quem nunca ouvira sequer o nome.

O outro não respondeu. Agora, Varner podia ver-lhe o rosto, com um par de olhos frios, de cor cinzenta, entre sobrancelhas felpudas de laivos grisalhos e uma barba da mesma cor, muito hirsuta, como a pele de uma cabra. «Já alguma vez alugou uma quinta?», perguntou Varner.

«Sim, no Oeste.» Ele não falou com brusquidão. Limitou-se a pronunciar a frase sem a menor entoação, como se fechasse uma porta atrás de si.

«Quer dizer, no Texas?»

«Não.»

«Compreendo. No Oeste de cá. Quantas pessoas traz consigo?»

«Seis.» Agora a voz não mostrava pressa nenhuma de tecer outra frase. Mas havia mais qualquer coisa. Varner adivinhara-o, mesmo antes de o tom abafado do outro se tornar mais fraco. «Um rapaz e duas raparigas. Minha mulher e a irmã.»

«Então são cinco.»

«E eu», disse a voz inexpressiva.

«Geralmente, um homem não se conta a si próprio entre os que trabalham na sua terra», comentou Varner. «São cinco ou são sete?»

«Posso pôr seis pessoas a trabalhar nos campos.»

Varner prosseguiu num tom igual e agradável, embora incisivo: «Não penso meter reideiro este ano. Estamos perto do primeiro de maio. Talvez eu possa fazer todo o trabalho, se a isso me decidir.»

«Posso fazê-lo eu», cortou o outro. Varner fitou-o:

«Parece ter muita pressa em instalar-se, ou não?»

O outro não respondeu. Varner não sabia se ele estava a fitá-lo ou não. «Quanto pretende pagar?»

«Quanto quer?»

«Tanto pode ser a terça como a quarta parte», disse Varner. «Quando precisar de alguma coisa, pode comprá-la aqui na loja.»

«Compreendo. Compras aumentadas de vinte por cento.»

«Exato», confirmou Varner, amavelmente. Agora, não sabia se o homem estava a olhar para qualquer ponto definido.

«Aceito», anuiu ele.

De pé na loja, entre meia dúzia de indivíduos sentados ou acorados em redor, cortando lascas de madeira com os canivetes, Varner olhava para o homem que coxeava e que, sem olhar para lado nenhum, desceu até ao grupo de animais que estavam amarrados sob a varanda, escolheu um macho esquelético, que só tinha o freio e umas rédeas usadas, guiou-o até aos degraus e, montando-o desajeitadamente, partiu sem se importar com ninguém. «Ao ouvir-lhe os passos, poder-se-ia supor que pesa uns duzentos quilos», observou um dos presentes. «Quem é ele, Jody?»